

China e Índia num mundo cada vez mais plano¹

Carlos I. S. Azambuja*

“Quando, daqui a vinte anos, os historiadores se debruçarem sobre a história do mundo e chegarem ao capítulo ‘ano 2000 a março de 2004’, que fatos destacarão como os mais importantes? Os ataques ao World Trade Center e ao Pentágono em 11 de setembro de 2001 e a Guerra do Iraque? Ou a convergência de tecnologia e determinados acontecimentos que permitiram à Índia, China e tantos outros países ingressarem na cadeia global de fornecimento de serviços e produtos, deflagrando uma explosão de riqueza nas classes médias dos dois maiores países do mundo, convertendo-os, assim, em grandes interessados no sucesso da globalização? Será que, em decorrência desse ‘achatamento’ do globo, que faz com que tenhamos de correr mais para continuarmos no mesmo lugar, o mundo ficou pequeno e rápido demais para os seres humanos e seus sistemas políticos se adaptarem de maneira estável?”

(in “Com a Globalização o Mundo Ficou Mais Plano”)

Ao que tudo indica, China e Índia se converterão em plataformas de produção e serviços assim como consideráveis mercados finais. A China é, atualmente, o segundo maior mercado de veículos, e, para 2010, o Governo planeja que todas as cidades com mais de 500 mil habitantes estejam unidas por uma rede de estradas semelhantes às dos EUA.

Com frequência, Índia e China são tidas como rivais, pois estão lutando pela liderança da Ásia com suas formidáveis credenciais, populações de mais de um bilhão de pessoas, economias em rápido crescimento e amplos mercados para as empresas de bens de consumo. As perspectivas de negócios em cada país são colossais e não é fácil dizer qual dos dois oferecerá aos investidores as melhores vantagens, embora a China esteja hoje à frente da Índia,

pois, conquanto pareça incrível, tem uma economia mais aberta, melhor educação elementar e uma infra-estrutura superior. Possui melhores condições de comunicação, como a utilização de telefonia celular *per capita* e acesso à Internet. Também está mais integrada à economia global graças a um maciço investimento em estradas, portos e aeroportos, eletrificação e energia. Tudo isso facilita a exportação.

A propósito, vejam esta notícia de 7 de agosto de 2006, transmitida desde Pequim pela agência EFE. Ela parece confirmar o provérbio africano que, devidamente traduzido para o mandarim, o gerente da ASIMCO Technologies, fabricante de peças de automóveis, um chinês que estudara nos EUA, mandou afixar no chão da fábrica, em Pequim: “*Todos os dias de manhã, na África, o antílope desperta. Ele sabe que terá de correr mais rápido que o mais rápido dos leões, para não ser morto. Todos os dias, pela manhã, desperta o leão. Ele sabe que terá de correr*

¹ Transcrito de MidiaSemMáscara de setembro de 2006.

*O autor é coronel e historiador.

mais rápido que o antílope mais lento, para não morrer de fome. Não interessa que bicho você é, se leão ou antílope. Quando amanhece, é melhor começar a correr.”

Eis a notícia da agência EFE: “A companhia regional chinesa Shenzhen Airlines contratou 40 pilotos brasileiros que haviam sido demitidos pela Varig, informou hoje o jornal *Beijing News*. O rápido desenvolvimento da indústria chinesa levou a uma escassez tanto de aeronaves como de pilotos no país. Por isso, Pequim permite, desde o ano passado, que as companhias aéreas contratem estrangeiros para pilotar seus aviões.

Os 40 brasileiros foram contratados ainda no Brasil, onde tiveram que passar por um exame físico, teórico e uma entrevista. Além disso, todos chegaram à China com a licença da Administração Chinesa de Aviação Civil já expedida, segundo a televisão estatal CCTV.

Os pilotos receberão cerca de US\$ 8.000 ao mês, um pouco mais do que recebiam em seu antigo trabalho, e o triplo do salário dos comandantes chineses, segundo o Vice-presidente da companhia, Zhang Pei.

Os analistas prevêem que a China duplicará sua frota de aviões de carga e passageiros nos próximos cinco anos. Ao final desse período, as empresas precisarão ter contratado mais cerca de 6.500 pilotos. As companhias aéreas chinesas empregam atualmente 11.000 pilotos, e algumas das grandes companhias do país, como Air China e Xangai Airlines, já começaram a recrutar comandantes estrangeiros.

Segundo o Vice-ministro da Administração de Aviação Civil, Gao Hongfeng, “as companhias aéreas do país aumentarão sua frota em 1.580 aeronaves até 2010. Hoje são usados 863 aviões”. A Embraer, em 30 de agosto de 2006, assinou um contrato de venda de 100 aviões para a China, no valor de US\$ 2,7 bilhões, a

maior venda da estatal brasileira para o território chinês em 2006. São 50 aviões ERJ 145, de 50 lugares, cuja entrega terá início em setembro de 2007, e 50 Embraer 190, de 100 lugares, que serão entregues em dezembro de 2007. O Presidente da empresa HNA, Chen Feng, quarta maior empresa aérea chinesa, previu que a demanda chinesa para o setor aeronáutico deverá alcançar o volume de mais mil aviões (*Agência Brasil*, 30 de agosto de 2006).

Também a fabricante de automóveis Volkswagen, que vem causando polêmica no Brasil com a ameaça de fechamento de sua fábrica em São Bernardo do Campo e o número alto de demissões, planeja investir 400 milhões de euros na construção de uma nova fábrica na Índia, segundo publicou em 31 de agosto de 2006 a revista alemã *Spiegel*.

Não há maior força de achatamento e nivelamento por que passa o mundo que a idéia de que todo o conhecimento, ou pelo menos uma grande parte dele, está disponível para todos e qualquer um, a qualquer momento, em qualquer lugar, uma vez que buscar algo por conta própria é um ato tão pessoal que não há nada que confira maior autonomia ao ser humano. É a antítese de nos dizerem ou ensinarem alguma coisa. É uma questão de obtenção de poder por cada indivíduo, o poder de cada um fazer das informações desejadas aquilo que lhe parecer melhor. A utilização dos mecanismos de busca é a expressão máxima do poder do indivíduo que, usando um computador, olha para o mundo e encontra exatamente o que quer. Nesse sentido, não há duas pessoas iguais. Na história oficial do Google, encontrada em sua página inicial, é explicado que seu nome vem de um trocadilho com a palavra *googol*, o número representado pelo dígito 1 seguido de 100 zeros. A escolha dessa nomenclatura refere-se à missão

da empresa de organizar o imenso – aparentemente infinito – volume de informações disponível na *web* só para você.

Por sua vez, a Índia, durante as próximas décadas, terá em seu favor uma população mais jovem, enquanto a China verá diminuída a sua população com idade produtiva, e o país enfrentará problemas sociais e econômicos ocasionados por uma crescente dependência da população de terceira idade.

Um outro termo de comparação: enquanto a China supera a Índia em infra-estrutura física, a *infra-estrutura social* – leis, instituições e mercados financeiros – da Índia é muito superior. O labirinto do sistema legal da Índia é muito lento, porém garante o cumprimento mais efetivo dos contratos e maior proteção dos direitos de propriedade intelectual. Embora o sistema educativo chinês seja melhor nos níveis básicos, nas escolas da Índia os graduados são melhores no pensamento criativo e analítico, uma vantagem enorme se é levado em conta que promover a inovação a baixo custo é um problema primordial para ambos os países.

Finalmente, o sistema democrático da Índia, embora às vezes complicado e ineficaz, é muito menos vulnerável a uma crise de grande escala e apresenta riscos menores do que o obtuso e vertical regime chinês.

O Economist Intelligence Unit (EIU) prognostica que, entre os anos 2006 e 2030, o PIB real da Índia crescerá ligeiramente mais rápido do que o da China. Entretanto, a população da Índia crescerá mais rapidamente do que a da China. Todavia, em 2030, a Índia se atrasará ligeiramente em termos de PIB *per capita*. Para 2030, o PIB da Índia – medido por sua paridade de poder aquisitivo (PPA) – será ainda menos da metade do da China.

A reforma fiscal e o investimento governamental em infra-estrutura e educação são

particularmente importantes. O atual papel protagonista da China poderia ser interpretado como resultado de exitosas iniciativas políticas nessas áreas. A China tem também uma taxa de investimento doméstico muito mais alta, já que investe 40% do seu PIB, enquanto a Índia só investe 25%. Considerando que o PIB da China é três vezes maior, o seu investimento doméstico excede o PIB total da Índia. Essas disparidades explicam a superioridade das estatísticas comerciais da China.

A enorme discrepância em investimento estrangeiro direto (IED) em favor da China deve-se às diferentes políticas fiscais e reguladoras. Os excessivos regulamentos sufocam o investimento estrangeiro em muitos setores da economia da Índia. Os investidores estrangeiros se queixam de que muitas vezes o fundamento das decisões é arbitrário e têm de obter um grande número de permissões oficiais de inumeráveis agências. Não obstante, as reformas impulsionadas pelo Primeiro-ministro Manmohan Singh parecem estar ganhando massa crítica e existe um impulso para a realização de reformas adicionais à medida que cresce o poder político do setor privado.

A educação é outro motor do crescimento que depende da política interna. Paradoxalmente, a Índia combina universidades tecnológicas de qualidade mundial com percentagens de analfabetismo entre 25% e 60% no meio rural, segundo a Consultoria Asian Demographics.

Ao contrário, a China enfrenta severa escassez de engenheiros em informática, todavia seu gasto educacional por aluno é mais alto que o da Índia e terminou virtualmente com o analfabetismo.

Concluindo, embora a Índia e a China enfrentem riscos comuns, são também vulneráveis a diversos riscos em áreas diferentes. De

acordo com o EIU, alguns dos tipos mais extremos de riscos em cada país são comuns aos dois países: efetividades governamentais, comércio exterior e pagamentos, e mercado de trabalho. Porém, nos últimos tempos, a China tem ficado exposta a um maior risco de instabilidade política, enquanto os riscos mais importantes da Índia estão associados com a política fiscal. Isso capta com precisão as implicações das diferentes políticas entre os dois países.

Na China, malgrado o risco de instabilidade política, há pouca possibilidade de caos político, o que seria catastrófico, porque o país não possui mecanismos institucionais para transferência do poder. Na Índia, existe turbulência política, mas as instituições legais e o sistema político democrático correm menos riscos.

Índia e China, como se verifica, têm seus próprios riscos e recompensas. Embora o ritmo de mudanças de cada país dependa muito de sua política interna, ambos se converterão em uma plataforma de produção e serviços, assim como em um considerável mercado final.

Da mesma forma que os analistas se referem ao século XX como “o século norte-americano”, o século XXI poderá ser visto como a vez da Ásia – com sua expansão liderada pela Índia e pela China, graças à combinação de alto crescimento econômico, maiores capacidades militares e grandes populações, receita do rápi-

do crescimento do poder político e econômico desses dois países.

O livro *Relatório da CIA – Como será o Mundo em 2020*, editora Ediouro, especula que o PIB da China, por volta de 2020, será maior do que o de qualquer potência econômica ocidental, exceto o dos EUA. E o PIB da Índia terá superado – ou estará superando – o das economias européias.

A não ser por uma abrupta reversão no processo de globalização ou por um grande problema nesses países, a emergência dessas novas potências é uma certeza. Todavia, a forma como a China e a Índia exercerão seu poder e a maneira como irão se relacionar com as demais potências no sistema internacional são uma incógnita. “No futuro – ainda segundo o *Relatório da CIA – Como será o Mundo em 2020* –, “alguns países hoje pertencentes ao chamado Primeiro Mundo poderão encarar o crescimento da China e da Índia como uma evidência de seu relativo declínio, apesar de as atuais potências mundiais tenderem a continuar como líderes globais nos próximos 15 anos.”

Imaginem se China e Índia se tornarem sócios e não rivais?

N.A. – Fonte: *India y China, Rivaless o Sócios?* Autor: Economist Intelligence Unit/*The Economist*, jornal *La Jornada*, México, 15 de agosto de 2006. 